

## As idéias e a cultura nas Relações Internacionais:

Novos desafios do presente.

Célia Tolentino

**Como citar:** TOLENTINO, Célia. As idéias e a cultura nas Relações Internacionais: Novos desafios do presente. *In:* TOLENTINO, Célia Aparecida; POSSAS, Lídia M. Vianna; CORREIA, Rodrigo Alves (org.). **Idéias e Cultura nas Relações Internacionais**. Marília: Oficina Universitária, 2007. p. 3-5. DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-02-4.p3-5>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## As idéias e a cultura nas Relações Internacionais: novos desafios do presente

Célia Tolentino<sup>1</sup>

Os desafios do presente e a nova configuração mundial recolocam temas e questões para o âmbito das Relações Internacionais assim como para as teorias que norteiam o estudo dos internacionalistas. No contexto da III Semana de Relações Internacionais os debates protagonizados por Gilberto Dupas, Ana Maria Stuart e Carlos Oliva apontam para os dilemas tanto da história como do pensamento político nos dias atuais.

Na conferência de abertura que aqui apresentamos na íntegra, Gilberto Dupas, discute “*as idéias e a cultura nas Relações Internacionais*” traçando um perfil dos novos atores em cena e das novas demandas que adentram o campo da política mundial, colocando em evidência novíssimas questões que desafiam as abordagens tradicionais assim como o campo clássico da política. Mostrando como a relação entre capital/trabalho se transformou e a sociedade civil passou a ser uma sociedade de consumidores, sugere que, ainda que com potencial de formar uma espécie de poder paralelo, os consumidores desorganizados não atuam, mas sofrem as conseqüências do mercado transnacional. Enquanto na modernidade clássica as relações capital/trabalho circunscreviam o poder de luta dos trabalhadores, em tempos de capital flutuante e desconectado dos solos nacionais impõe-se a necessidade de formular outras perspectivas de luta ou outras formas de ação e consciência política. Se o capital se globalizou e tornou-se transnacional, a luta dos proletários do mundo ainda não foi capaz de organizar associações com o mesmo poder de fogo.

---

<sup>1</sup> Professora do Depto. de Sociologia e Antropologia e membro da Comissão Organizadora da III Semana da Relações Internacionais.

Ao mesmo tempo, o trabalho assumiu uma escala mundial, mas, como observa Dupas, a chegada do “outro” para exercê-lo, ou para fugir da miséria da guerra ou da miséria econômica, recoloca a questão da tolerância e da hospitalidade. Questionando o próprio termo tolerância, que inclui uma espécie de paternalismo de origem judaico cristã, o autor observa que a re-significação do seu conteúdo não poderia vir senão de uma re-significação da política e da própria sociedade civil em escala global, sugerindo que se pense a necessidade de uma espécie de “coabitação global tolerante”.

Enquanto a reflexão de Dupas sugere que da Europa herdamos uma perspectiva humanista enquanto da América uma lógica de mercado, a análise de Ana Maria Stuart nos convida a pensar sobre o sentido social dos termos clássicos, observando que as teorias são caudatárias da sua origem social e os relatos em curso pedem reflexão profunda como já o fizeram, não necessariamente numa perspectiva propositiva, os pensadores chamados pós-modernos – ou aqueles que colocaram em causa os termos da modernidade exigindo a sua relativização.

Observando que as novas controvérsias políticas em escala mundial também geram conseqüências para a dimensão da teoria e exigem dos pensadores uma tomada de posição – pois a própria filiação a uma ou outra “escola” implica esta escolha de campo – sugere que é tempo de superar a controvérsia clássica em termos de “explicar” ou “compreender”, ou objetivismo e subjetivismo, para que se possa construir análises que ultrapassem as dimensões estritamente conjunturais e garantam uma reflexão de novo tipo que contemple termos como alteridade, pluralidade, diversidade e diferença.

Questionando todo relativismo absoluto, a autora parte da idéia de que se tudo é política, tudo é também economia cultura e que esta última não é inata, mas construída historicamente e perpassada de questões universais para além das suas singularidades, como gostariam de crer algumas análises. E, diante deste quadro, Ana Maria Stuart propõe que as teorias das Relações Internacionais se abram para uma abordagem de novo tipo, capaz superar a dicotomia conflito *versus* cooperação, núcleos explicativos do realismo e do liberalismo, para pensar outras “causalidades” que permitam desvendar a complexidade do mundo de hoje. E, lembrando que estas idéias podem ainda conduzir a um campo de “areias movediças”, a autora propõe na sua reflexão apontar para um eixo referencial que contribua para discutir a intersecção entre os atores clássicos – identidades construídas em tempos de alta modernidade – e os novos e novíssimos atores no cenário mundial.

O texto de Carlos Oliva Campos, *La nueva configuración política de América Latina: apuntes para un debate abierto*, partindo de uma perspectiva

mais clássica, trata a história recente da América Latina e a nova configuração de forças estabelecidas nos últimos anos com ascensão de atores novos para o cenário latino americano. Observa a ascensão de partidos de esquerda, forças neoliberais associadas a um quadro de democracia e ou redemocratização e a novidade de alguns países figurarem como protagonistas no quadro econômico mundial e continental.

Os três textos no seu conjunto pretendem dar uma contribuição para as reflexões das RI e, particularmente os dois primeiros, encaram o desafio de pensar a necessidade de colocar algumas “verdades universais” em causa. Talvez pudéssemos dizer que ao colocarmos os termos “idéias de cultura nas relações internacionais” intentávamos, na condição de proponentes da Semana, inserir no quadro dos debates políticos econômicos, questões que comumente – e equivocadamente – ficam a cargo das pesquisas sociológicas e antropológicas. Talvez pudéssemos aqui parafrasear Octávio Ianni quando escrevia que sem estas duas disciplinas o mundo seria menos compreensível e é o que transparece nos textos aqui apresentados. Ou ainda, como escreve Giacomo Marramao, todo questionamento é frutífero porque gera diferentes respostas ou projetos e, ao mesmo tempo, toda lógica normativa corre o risco de envelhecer se não questionar o tempo. Isto porque estamos nos caminhando em direção a formas de conflito muito distintas daquelas que nos propuseram a alta modernidade. A natureza do conflito hoje, observa este autor, é ao mesmo tempo pós nacional e transcultural, ultrapassa os confins do Estado-nação e perpassa as identidades culturais e lingüísticas a partir de uma globalização que homologa, mas não universaliza, comprime, mas não unifica. E, portanto, diante da proliferação das chamadas identidades étnicas no mundo, uma consequência que considera reativa às últimas transformações mundiais, nos exorta a não perder de vista um dos resultados mais preciosos do século XX: a capacidade de relativizar e colocar em xeque toda certeza apriorística de validade universal dos nossos valores e estilos de vida. Deixando em debate as idéias do autor, podemos terminar com a afirmação provocativa que norteou o espírito que animou a organização desta semana: não só as teorias estão em causa, juntamente com os projetos de intervenção, mas o próprio Ocidente e suas idéias hegemônicas.